

DESIGUALDADE

INFORME SETORIAL

‘A grande fonte de desigualdade no Brasil é o Estado’

O Estado de S. Paulo.

Nos anos 1980, segundo Salim, os liberais cabiam numa Kombi. Hoje, enchem vários estádios de futebol. O ex-secretário de Desestatização Salim Mattar é um dos principais defensores das ideias liberais no País. Depois de deixar o governo, em agosto de 2020, frustrado com o ritmo das privatizações, ele passou a se dedicar à propagação do liberalismo, por meio do apoio a entidades como o Instituto Liberal, o Instituto Millenium e o Instituto de Formação de Líderes. Nesta entrevista, Salim fala sobre o pedido de bilionários do mundo para que os governos lhes cobrem mais impostos e sobre o conflito existente no País entre o setor privado e o Estado, que consome mais de um terço de toda a riqueza nacional. Recentemente, no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, um grupo de bilionários divulgou uma carta em que pedia para os governos lhes cobrem mais impostos.

Como o sr. vê essa iniciativa?

É preciso fazer uma análise sociológica e psicológica desses grandes milionários mundiais. As pessoas estão apoiando causas esdrúxulas para aparecer. De repente, para isso, elas têm de defender teses que são contrárias ao próprio capitalismo. Se querem pagar mais impostos, é só fazer um cheque US\$ 1 bilhão, US\$ 5 bilhões, e mandar para o seu município, o seu Estado, o seu País. O indivíduo é livre

para fazer doações. Não precisa de lei para pagar mais impostos. Muitos milionários têm grandes fundações, como o Bill Gates, na área de saúde, e o Michel Bloomberg, na área educacional. Isso mostra que é possível abraçar uma causa boa e fazer o seu projeto social.

O sr. é um dos poucos empresários de sucesso no Brasil que abraçam para valer as ideias liberais. Muitos vivem na dependência do Estado, não abrem mão de subsídios e são a favor de medidas protecionistas. O que o sr. pensa sobre isso?

Nós gastamos R\$ 370 bilhões por ano com subsídios e concessões. Isso é transferência de renda de 212 milhões de brasileiros para uma plêiade de empresários e de setores da economia. Eles dizem que a taxa de juros no Brasil é elevada, que a carga tributária é mais alta, que o custo trabalhista é maior. Gostam do mercado livre, da iniciativa privada, da democracia, da propriedade privada, mas defendem a intervenção do governo na economia, sob a alegação de que “o mercado é imperfeito”. Eles sempre arrumam uma desculpa. Mas isso tem de acabar.

Na ironia, muita gente diz que os liberais brasileiros caberiam numa Kombi. É isso mesmo? Por que há tão poucos liberais no Brasil?

No Instituto Liberal, nos anos 1980, realmente caberíamos numa Kombi. No governo Bolsonaro, quando o ministro Paulo Guedes levou um grupo de liberais para formar sua equipe, já enchíamos um micro-ônibus. Hoje, diria que os liberais no Brasil já enchem vários estádios de futebol. Há muitos liberais que não sabem que são liberais. Devido à polarização brasileira, muita gente não se dá conta disso, mas é liberal. São pessoas simpáticas à economia de mercado e à livre concorrência. São contra concessão de subsídios para empresas e barreiras alfandegárias.

No Brasil, nós temos um problema sério relacionado à desigualdade social. Qual a proposta liberal para enfrentar a pobreza e a desigualdade no País?

A melhor forma de atacar a pobreza é reduzindo o tamanho do Estado. A grande fonte de desigualdade no Brasil é o Estado. Nós temos 212 milhões de pagadores de impostos e cerca de 12 milhões de servidores, consumidores de impostos. A sociedade coloca R\$ 2 trilhões por ano na mão do governo, através do pagamento de impostos, e boa parte vai para pagar funcionários públicos e penduricalhos. Deste total, só R\$ 42 bilhões vão para obras de infraestrutura e outros investimentos. Isso é uma transferência de renda brutal dos cidadãos e das empresas para os servidores, para o Estado.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 393 - Em 10 de março de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.